

CAMÕES, JORGE DE SENA E VASCO GRAÇA MOURA NA ILHA DE MOÇAMBIQUE

Cristiane Valéria Mateus Cabral

Nas palavras concisas de Fernando J.B. Martinho “Camões praticamente nunca deixou de ser, e desde muito cedo, um estímulo, ou objecto de homenagem, ou fonte de emulação para os poetas portugueses”.¹ De fato, como é do conhecimento geral, Camões vem, ao longo dos tempos, se constituindo como objeto de referência incontornável para vários poetas, e, dos séculos XVI ao XX, Camões permanece como o poeta mais homenageado da Língua Portuguesa. Entre os autores do século XX que freqüentarão a obra e a biografia do poeta renascentista ressalte-se Jorge de Sena pelo diálogo crítico e criativo de alto nível que logrou produzir. Consciente do valor de Jorge de Sena e de seus estudos camonianos, a contemporaneidade, aqui representada por Vasco Graça Moura, rememora e reverencia esse produtivo encontro.

Sabemos que para Jorge de Sena a poesia é um processo testemunhal, mas ainda algo mais do que compreender o mundo:

*Testemunhar do que em nós e através de nós, se transforma. e por isso ser capaz de compreender tudo, de reconhecer a função positiva ou negativa (mas função) de tudo, e de sofrer na consciência ou nos afectos tudo, recusando ao mesmo tempo as disciplinas em que outros serão mais pródigos, ou o isolamento de que muitos serão mais ciosos — eis o que foi, e é, para mim, a poesia.*²

Podemos comparar esta reflexão seniana sobre o ato da criação poética com uma outra, a de Vasco Graça Moura:

Não sou um autor que viva a tortura da página em branco ou a agonia visceral da produção literária. Escrever é sem dúvida, para mim, uma

*pulsão absolutamente necessária e um modo “mais verbal” de estar no mundo, mas não uma compulsão adstringente ou uma escravatura inexorável. E se escrevo, entre outras coisas, poesia, não o faço para pôr a vida em palavras, mas para me servir da vida das palavras enquanto ela possa ser também elemento especificamente expressivo e qualificativo de uma outra dimensão da minha própria vida.*³

Assim como para Jorge de Sena, a poesia para Vasco Graça Moura será não só uma forma de compreender o mundo, mas, sobretudo, um modo de servir-se da “vida das palavras” para transformá-las em uma experiência de linguagem poética compartilhável, capaz de transcender o tempo, o autor e o seu próprio sentido.

Conhecido do grande público principalmente pelo seu trabalho recente à frente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Vasco Graça Moura, tanto nos estudos críticos da obra camoniana, que já se tornaram indispensáveis, como na produção poética extensa, vai travar com o autor renascentista uma intensa interlocução. Para uma leitura mais atenta, que tornará o diálogo triangular, selecionamos o seu poema “Jorge de Sena na Ilha de Moçambique”, da obra de título revelador *Os Rostos Comunicantes*, de 1984.

O poema em estudo se ambienta na Ilha de Moçambique — a mesma ilha que Camões já assinalou n’*Os Lusíadas* e logo se tornou escala de passagem obrigatória das naus que comerciavam com a Índia. Sabe-se que Camões primeiro por ela passou rumo ao Oriente e, mais tarde, uma vez conhecidas essas novas terras, a ela retorna, e, por motivos financeiros, aí precisou permanecer mais tempo do que pretendia, já que, como registra Diogo do Couto, vivia “tão pobre que comia de amigos”⁴. No poema, a Ilha de Moçambique terá perpetuada a sua característica histórica de lugar de passagem e de encontros, promovendo, na geografia dos versos, o diálogo entre três figuras da Literatura Portuguesa: Camões, Sena e Vasco Graça Moura, para atestar uma superposição temporal rica de implicações.

Tomado como personagem do poema, Jorge de Sena aparece, logo no primeiro verso, “debruçado” a uma “janela quinhentista”. A alusão sugere que o mesmo esteja assumindo de algum modo o lugar de Camões, pois, assim como ele, pode contemplar o que está além da janela, refletindo sobre aquilo que vê para alcançar o invisível ou o indizível. A posição estratégica emblematizaria o diálogo entre o passado e futuro, entre o decorrido e o pressentido.

*debruçado a esta janela quinhentista sobre a água lilás
do pôr do sol, jorge de sena repousava os olhos, ofuscado
pela brancura da pedra e de tanta memória gastando-se
até onde pobremente o camões se arrastara*

A veracidade de um fato biográfico — “Jorge de Sena andou por aqui” — confunde-se com o imaginar das andanças do autor de *Metamorfoses* por entre tudo aquilo que ainda hoje caracteriza a pequena ilha:

*Jorge de Sena andou por aqui enxugando o suor com um enorme lenço e rugidos na alma, nem viu as acácias, o seu fogo insolente, as mulheres de máscara branca, crispado entre os amigos nesta escala de passagem de nada para parte nenhuma, por ruelas e pátios de má fortuna abandonados.*⁵

Sob o olhar contemplador do poeta, a ilha de Moçambique vai sendo descrita através de aspectos que compõem a sua paisagem humana e a geografia física. Este retrato local, pano de fundo de várias visitas, irá servir de cenário para mais um encontro.

*viu sim os rebocos desfeitos pela traça do tempo, tanta textura de flores esboroadas, tanto mapa perdido de aventureiros destinos, e viveu tudo isso como se o próprio orgulho, a prumo, com o seu nobre olhar de exilado, fosse uma altiva insensatez.*⁶

Na verdade, Sena não “repousou” os olhos nesta ilha, mas com “seu nobre olhar de exilado” transformou aquilo que viu — e sobretudo o que não viu — em matéria poética. Este olhar seniano, crítico, lúcido, sensível, foi o que possibilitou tornar um poema como “Camões na Ilha de Moçambique” num testemunho de louvor ao engenho e arte de nosso poeta-maior.

Como se sabe, as palavras *peregrinare evidências* fazem parte de um vocabulário caro a Jorge de Sena. Para ele, *peregrinaré* o ato individual, interior ou exterior, à procura da perfeição e da completude — atingíveis quando se reconhecem as evidências pelo caminho. Valendo-se das idéias desenvolvidas pelo poeta mais velho, Graça Moura, em “Jorge de Sena na Ilha de Moçambique” desvela aquele que acredita ser o motivo da peregrinação do poeta pela ilha — a procura do caminho para chegar ao “mestre”. Nesse solitário caminhar da consciência poética, Sena afinal experimentou a presença de Camões e de sua poesia vendo-se, então, no dizer de Vasco Graça Moura, “apanhado por estas evidências a crescerem em nós”.

No poema, a personagem Jorge de Sena conduz a Camões e Camões é aquele que “esteve lá antes” - endividado e roubado. Na ilha poética de Vasco Graça Moura permanece um Camões que, metamorfoseado pelo toque nefando de Circe, vaga como um vulto miserável de nau desarvorada indo “de nada para parte nenhuma”. Sem dinheiro para a sua volta à Pátria, o poeta ficará na ilha “crivado de versos”, que, uma vez furtados, fazem-no viver da “lucidez das cicatrizes”.

*"o coração da vida está na lucidez das cicatrizes
que nos povoam" disse-lhe circe na praia transformando-o
no vulto que descia a correr as escadas da prelazia até
à misericórdia, ao palácio do governador, à rua dos arcos,
desprezando a quem implorava, ou não desceria
porque lá esteve antes, mas que interessa?
se andava por aqui crivado de dívidas e de versos
e lhe haviam tirado o seu parnaso e foi furto notável?*

Para Vasco Graça Moura resta comover-nos com as lembranças de um Camões que Sena já pintara quando passara pela ilha por a ele se identificar. Segundo versos do próprio Sena, no poema que dialoga com este, Camões "aqui ficou sem nada senão versos". Relembremos alguns de seus versos:

*Não é de bronze, louros na cabeça,
nem no escrever parnasos, que te vejo aqui.*

[...]

*Depois, aliviado, tu subias
aos baluartes e fitando as águas
sonhavas de outra Ilha, a Ilha única,
enquanto a mão se te pousava lusa,
em franca distração, no que te era a pátria
por ser a ponta da semente dela.⁸*

Sob a visão seniana, o poeta escondeu-se nesta ilha enquanto criador. Camões está literalmente na miséria em todos os planos da sua vida, mas ainda assim sobrevive pois a poesia é seu alimento vital e essencial, o que não só o diferencia dos outros como o torna digno de enaltecimento:

*sonhavas de outra Ilha, a Ilha única,
enquanto a mão te pousava lusa,
em franca distração, no que te era a pátria
por ser a ponta da semente dela.
E de zanolho não podias ver
distâncias separadas: tudo te era uma
e nada mais: o paraíso e as Ilhas,
heróis, mulheres, o amor que mais se inventa,
e uma grandeza que não há em nada.
Pousavas n'água o olhar e te sorrias
— mas não amargamente, só de alívio
como se te limparas de miséria,
e de desgraça e de injustiça e dor
de ver que eram tão poucos os melhores,*

*enquanto a caca ia-se na brisa esbelta,
igual ao que se esquece e se lançou de nós.*⁹

Embora a História ateste a partida de Camões, ele irá permanecer sempre ligado a esse espaço enquanto farol, força criadora. Força essa que irá impregnar toda a ilha, transformando-a em espaço gerador do poético. Tal é o potencial da sua força que enquanto por ali passarem poetas, sentirão a sua presença instigadora de diálogos sem fim. Diz Jorge de Sena:

*Foi do lado da Contracosta (o lado do oceano), ao vento da noite, que nos encontramos. Ele muito queixoso e triste, eu já com alguns dias de Moçambique (Terra Firme e Ilha), sem saber que dizer-lhe que ele não soubesse de cor e salteado. Agasalhei-o num poema[...]*¹⁰

Sena e Graça Moura, novos Diogo do Couto, terão duas missões em suas visitas: a de pagar a dívida contraída por Portugal com Camões — e o fazem através de seus poemas, evocando a figura camoniana para que fique retida na memória dos leitores; e, ao contrário do autor das *Décadas*, fazer com que Camões continue habitando a ilha embora parta imaginariamente com cada um dos que por ali passam.

*Jorge de Sena voltou a pagar os duzentos cruzados da dívida:
Camões parte amanhã mas continua aqui.
nem é desterro nosso que assim seja.*¹¹

Como vimos inicialmente, Vasco Graça Moura compreende a escrita como uma “pulsão necessária” à própria vida e sua concepção sobre o ato criador se aproxima do de Sena, que entende a poesia como alimento consubstancial ao poeta, tal qual exemplifica com clareza o referido poema “Camões na Ilha de Moçambique”. Persistindo nessa trilha, Graça Moura escreve o poema intitulado “Regresso de Camões a Lisboa”, que integra sua obra recente *Poemas Escolhidos*, de 1996. Trata-se de um longo poema monoestrófico em forma de canção, já que vemos, ao final, o “envio”, característico dessa composição poética tão freqüentada por Camões.

Ao longo dos 265 versos que compõem o poema, em primeira pessoa, o eu-lírico, a partir da confessada leitura, em Goa, das dez canções camonianas, recordará a atribulada e atormentada vida do Poeta, que acaba por não se distinguir das aventuras vividas pelos heróis que cantou, confundidas tanto nas peripécias como no discurso — repleto de citações da lírica e da épica camoniana.

*num areal de goa li as dez
canções camonianas e tomei
razões e sem razões pelas marés,
vaivéns do coração vindos ao rés
da praia de ninguém por onde andei.*¹²

Evidentemente, o testemunho da leitura destas canções camonianas produz uma reflexão no poeta que se diz “deixando de ser ele mesmo” e “sendo outros sinais”:

*de mais coisas não sei nem imagino,
mas lendo ia deixando de ser eu,
ou sendo densamente outros sinais
e a minha voz que assim deles cresceu,
de alheias sem razões se escureceu
que os enganos faziam musicais.*¹³

Referidas no início e no final do poema, as canções camonianas constituem-se como uma espécie de alimento sagrado, podendo ser comparado o conhecimento adquirido na leitura ao sabor de um “estranho pão”:

*um estranho pão incerta vez provei
num areal de goa, ao ler as dez
canções camonianas, mas não sei
já distinguir os versos das marés,
vaivéns de coração e mar ao rés
do silêncio das conchas que escutei
não perguntes, canção, porque cantei.*¹⁴

A leitura, sob a forma de um ensinamento, passará aos poucos a ser internalizada pelo poeta, que a incorporará ao seu texto, que passará a:

*guardar os rastos tênues de um texto primeiro, que se permite viver,
não como rapina, que o devora e anula, mas como possibilidade de
perpetuá-lo na diferença e no convívio com a multiplicidade de textos
que, dizendo com as mesmas sedutoras palavras, vão elaborando ver-
sões sempre novas da memória dos homens.*¹⁵

Neste último poema, Vasco Graça Moura, assim como o fez o Camões encontrado por Jorge de Sena na Ilha de Moçambique, confessa alimentar-se de poesia. O eu-poético procura na “vida das palavras” a matéria para a sua poesia. Desse modo, a poesia, entendida então como alimento artístico, vai favorecer a formação de uma espécie de *trindade poética* em comunhão na poesia, já que realmente compartilhável e múltipla.

Notas

* Este trabalho resulta de Bolsa de Iniciação Científica, concedida pelo PIBIC/CNPq, usufruída no período de agosto de 1995 a janeiro de 1997, sendo orientada pela Prof^ª. Gilda da Conceição Santos.

1. MARTINHO, Fernando J. B. . “Camões e a Poesia Portuguesa Contemporânea” In: *O Lirismo Camonião*. Revista do Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. nº4: 63-80. Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1995. p. 65.

2. SENA, Jorge de. Prefácio à 2ª. edição. *Poesia I*. Lisboa: Ed. 70,1988. p.26.
3. MOURA, Vasco Graça. "Nota final" In: *Poemas Escolhidos*. Lisboa: Bertrand, 1996. p. 471.
4. COUTO, Diogo do. *Oitava década da Índia*.
5. MOURA, Vasco Graça. "Jorge de Sena na Ilha de Moçambique" In: *Os Rostos Comunicantes*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.p.22-5.
6. Ibidem. p.23.
7. Ibidem. p.24.
8. SENA, Jorge de. "Camões na Ilha de Moçambique" In: *Poesia III* Lisboa: Moraes,1978. p.189-90.
9. Ibidem. p.190.
10. SENA, Jorge de. *Poesia III*. p.265.
11. MOURA, Vasco Graça. "Jorge de Sena na Ilha de Moçambique" In: *Os Rostos Comunicantes*. p.25.
12. —————. "Regresso de Camões.Lisboa" .In: *Poemas escolhidos*.Lisboa:Bertrand,1996. p.436-9.
13. Ibidem. p. 436.
14. bidem. p. 439.
15. SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *Que farei(s) com este livro?: de José Saramago: um exercício da memória cultural portuguesa*. In: Anais do 2º. Congresso ABRALIC: Literatura e Memória Cultural. Belo Horizonte: v.2, 1990.